

# sobre tudo

## ZINISTRO: A PRODUÇÃO DE ZINES EM SALA DE AULA COMO CONSTRUÇÃO AUTORAL SOBRE LEITURAS INDICADAS ENTRE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO

George França<sup>46</sup>

Valentina Nunes<sup>47</sup>

**Resumo:** Este relato tem por objetivo apresentar e analisar o trabalho feito com três turmas de primeiro ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC em 2018, o qual resultou na produção de zines sobre as leituras feitas pelos alunos por indicação uns aos outros. Descrevemos a metodologia do trabalho em sala de aula e brevemente analisamos os resultados da produção, que revelou um trabalho criativo, autoral, visual e interdisciplinar na construção de conceitos

---

<sup>46</sup> Professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio de Aplicação da UFSC. Doutor em Literatura pela mesma instituição. Contato: franca.george@ufsc.br

<sup>47</sup> Professora do curso de Jornalismo da UFSC. Doutora em Literatura pela mesma instituição. Contato: valentina.nunes@gmail.com

teóricos sobre literatura em relação com o repertório de leitura compartilhado pelos grupos.

**Palavras-chave:** Ensino de literatura; Periodismo; Zine; Leitura; Produção textual.

**Abstract:** This report aims at presenting and analyzing a written production carried out with three classes of students enrolled in the 1º EM from Colégio de Aplicação – UFSC. The students produced zines about the books they read based on the suggestions made by other students from the same group. We describe the methodology used in the classes and briefly analyze the productions that revealed a creative, authoral, visual and interdisciplinary work in the construction of theoretical conceptions about literature, related to the reading repertoire shared by the groups.

**Keywords:** Literature teaching; Journalism; Zine; Reading; Writing.

## Indicações

Como forma de fomentar a discussão sobre o que é literatura, suas (não-)funções e as particularidades de suas manifestações contemporâneas, resolvi que a primeira indicação de leitura para os alunos do 1º ano do Ensino Médio deste ano seria feita entre eles próprios. Por sorteio, cada estudante, de posse do nome de alguém, teve de escolher um livro de que gostasse e que achasse que seria leitura agradável para o colega. Nem sempre isso funcionou da forma mais direta: houve quem pedisse a quem o sorteou a indicação desejada; ossos do ofício. A ideia dessa experiência foi discutir definições, limites,

particularidades e conceitos iniciais relativos a literatura a partir de um repertório que fosse conhecido, compartilhado e não imposto. É importante apontar a dificuldade que constantemente a escola tem de lidar com o repertório de gosto dos estudantes, ou ainda, o quanto o discurso sobre a não-leitura por parte dos estudantes desconsidera as leituras que fazem por gosto ou que não sejam o livro físico. Há, para os docentes, também um imperativo quase impossível de cumprir em termos de atualização, nesse sentido, em especial considerando as altíssimas cargas horárias em geral assumidas por aqueles que trabalham na rede pública e, em muitos casos, a indisponibilidade dos títulos preferidos dos adolescentes nas bibliotecas escolares. Por fim, é digno de nota que as escolhas de repertório precisam ser mediadas e negociadas: a escola tem por função levar o estudante a conhecer aquilo que não conheceria por outras vias, e ainda, ampliar seu conjunto de referências socioculturais e artísticas. No entanto, começar a construir essa relação a partir do gosto é um caminho possível para se construir uma relação que leve ao trabalho coletivo em torno de outras leituras.

## Zine

Tendo havido tempo para leitura, para discussão em sala de aula sobre as leituras que estavam sendo feitas, para que fôssemos levantando conceitos-chave a partir dos livros escolhidos – como os de ficção e romance, que mostramos não ser atinentes apenas a uma temática específica de livros; ou ainda, a expansão das fronteiras do que se entende por literatura

para gêneros além dos em prosa, os de escolha mais frequente entre os alunos; ou ainda, da abordagem de temáticas sociais, de profundidade psicológica e de invenção da/na linguagem, para além da pura função de entretenimento, que majoritariamente os leva ao conjunto de títulos que escolhem espontaneamente – avaliamos por bem aproveitar a experiência que Valentina tinha com o jornalismo – como profissional e como professora – e a que ambos tínhamos como pesquisadores de um núcleo de pesquisa sobre periódicos literários e culturais para apresentar novas referências sobre a circulação de textos de e sobre literatura para os estudantes. Levamos para a sala de aula exemplares de revistas jornalísticas de grande circulação e solicitamos que os alunos comparassem desde seu projeto gráfico até seu conteúdo com alguns exemplares de revistas literárias e culturais da última década. Assim, as turmas tomaram contato com edições das revistas *Coyote*, *Medusa*, *Ácaro*, *Oroboro* e *Piauí*, a maioria delas totalmente desconhecidas deles. Puderam observar, especialmente nas quatro primeiras, a grande possibilidade de projetos estéticos, diagramações, trabalhos com fotografia, fotomontagem, colagem, disposição de poemas e outros textos nas páginas, a maior parte delas em preto e branco.

O próximo passo, dentro das possibilidades de que dispúnhamos, foi realizar um trabalho a partir dessas leituras na aproximação com essas revistas dentro das possibilidades de produção que tínhamos em sala de aula. O formato do zine era o que tínhamos de mais possível para produção nessas condições. De acordo com a pesquisadora Ruth Lerm, estudiosa da produção de zines, esse gênero pode ser definido como

Em seus primórdios, o termo fanzine surgiu para designar produções de baixo custo, de pequena circulação, na maioria das vezes publicados, produzidos e distribuídos por admiradores de ficção científica, ficção de fantasia e história em quadrinhos (HQ). Ao longo dos anos se converteram em um dos grandes produtos da contracultura e do movimento underground e atualmente têm assumido os mais variados propósitos e novas designações, como perzines e parental zines. Para abarcar o maior número de produções que não se enquadram na tradicional “revista de fã”, observamos o uso cada vez mais frequente do termo zine. (LERM, 2018)

Justamente as possibilidades de baixo custo de produção, geralmente artesanal, e a labilidade dos temas que podem ser tratados, mas em geral ligados à divulgação de assuntos de preferência dos elaboradores de uma maneira que dialoga com a contracultura e o movimento underground nos levaram a pensar no formato com os estudantes. Além disso, a experiência de mais de uma década que o Grêmio Estudantil do Colégio de Aplicação tem com a produção do *Piolho*, que pode ser categorizado como um zine, mais do que como um jornal, foi valiosa para que os alunos tivessem ideia de como são essas pequenas publicações. Os docentes também levaram alguns zines que conseguiram angariar em sinais de trânsito e afins.

A própria pesquisadora nota, ainda, que o zine é “um espaço aberto para novas experiências expressivas e conceituais”.

Qualquer revista é, poder-se-ia dizer, um híbrido de gêneros textuais, uma costura de fragmentos díspares que em sua configuração materializa as condições da vida e da sensibilidade na própria modernidade: descontínua, fragmentária, multifária, impactante a todos os sentidos ao ponto de anestesiá-los. Por mais que tenhamos dado ideias, ao fazer a proposição da atividade, de gêneros que poderiam ser explorados dentro do próprio zine – em geral muito diferentes dos gêneros jornalísticos, muito mais voltados à criação do que ao jornalismo propriamente dito – a invenção foi deixada para a liberdade dos alunos. A combinação das equipes para elaboração pressupunha que eles conseguissem algum tipo de afinidade temática entre as leituras realizadas, e de alguma maneira, a própria temática já estava delimitada – teriam de apresentar algo referente aos livros lidos, o que é componente da didatização do gênero, o qual, ao se inserir na escola, sempre funciona com certa artificialidade. Nesse sentido, o que temos são simulações de zines, as quais também não foram distribuídas via fotocópia, ao gosto dos anos 80, para poupar papel e cópias, e sim lidas entre os pares. A ideia de divulgá-los na revista da escola, em formato digital, também tem a ver com dar visibilidade e legibilidade ao que os alunos produziram.

Na orientação para o trabalho, dissemos o seguinte:

Segundo o wikiHow, “Os zines (redução de “magazines”, revistas em inglês) são pequenas publicações independentes na forma de panfletos ou revistas em miniatura. Eles são fáceis e baratos de fazer, o que

significa que há muito tempo são veículos da contracultura para quem quer fazer sua voz ser ouvida em questões que muitas vezes não são tratadas pela grande mídia. Criar e distribuir um zine, seja para fazer um comentário sério sobre questões sociais ou para uma coleção leve de quadrinhos, é uma experiência bastante gratificante que pode impulsionar sua criatividade.”

Os zines podem ter diversos formatos, a partir do tamanho de dobradura de papel pelo qual se opta; diferentes capas, formas de encadernação (grampeada, amarrada, ...), ilustrações, colagens, seções, diagramações, gêneros textuais.

A tarefa de sua equipe é elaborar um zine em que haja textos (verbais, visuais, mistos) que tratem dos quatro livros lidos pelos membros da equipe. O número mínimo de páginas são 8, as colunas e seções são livres. Como estamos tratando de discutir textos literários e suas especificidades, as seguintes ideias devem ser levadas em conta ao abordar os textos lidos:

- 1) Informações objetivas: títulos, autores, nacionalidade, datas de publicação, público-alvo...
- 2) Temas abordados: do que falam os livros lidos? Há algumas questões comuns a todos?
- 3) Trabalho criativo: particularidades sobre como surgiu a ideia do livro lido e como foi

trabalhada, ou seja, como foi o processo de criação do livro lido. De que maneira trabalha com a linguagem (frases curtas/longas; uso de primeira/terceira pessoa; invenções de palavras, expressões, ... ?)

4) Temas sociais: que questões de nossa sociedade aparecem em uma ou mais das leituras? O livro denuncia alguma situação, diretamente ou através de metáforas e alegorias? Os personagens se adaptam bem às regras do mundo? Concordam com ou discordam de alguma causa social?

5) Investigação psicológica: de que maneira é dada complexidade, profundidade aos personagens? Em que momentos percebemos suas contradições, seus pensamentos, suas ideias sobre o mundo e a maneira como o percebem?

6) Entretenimento: a literatura também é uma forma de entreter, divertir, ocupar o tempo. Que momentos e passagens desses livros propiciam diversão?

7) Relações com outros textos: várias outras mídias podem dialogar com a literatura. Que trilha sonora caberia para essas leituras, por exemplo? Que tal uma playlist? Alguma cena poderia render um meme, uma piada, um quadrinho? Como você imagina os personagens? Que tal desenhá-los? Há adaptações ao cinema dos livros? Você as recomendaria?

Lembre-se: este roteiro coloca sugestões, mas nem todas precisam ser contempladas. Um bom zine não deve ser um grande bloco de texto, mas deve criar na relação entre a parte escrita e a parte visual. Estas sugestões não precisam ser seguidas à risca. Consulta a outros textos e fontes pode e deve ser realizada, desde que estas sejam devidamente referidas.

O que se poderá observar, de maneira geral, é que os textos escritos pelos alunos, na maioria dos casos, acabaram se aproximando da resenha, mas feita em linguagem mais livre, ilustrada, fragmentada, por vezes paródica. É questionável, também, o componente contracultural, uma vez que muitos dos livros escolhidos pelos estudantes são *best sellers*, os quais já possuem, por si só, grande estrutura de divulgação dada por editoras, empresas, indústria cultural e cinematográfica. Houve grande prevalência de *playlists* relativas aos livros, apreciações de comparações entre livro e filme, como seria o filme que produziriam caso fossem adaptar o livro, explorações de temas e conceitos que ligam os livros. Parte dos trabalhos foram manuscritos, parte digitados, houve edição com colagens, desenhos próprios, papéis de diferentes estilos, letras de cada um dos estudantes. Houve, pois, componente de autoria trabalhado em boa medida, muito embora as escolhas dos gêneros textuais não fossem, em sua maioria, imprevisíveis. É digno de nota, ainda, que em alguns casos as questões sociais se mostraram como unificadoras das equipes, em especial as referentes ao

feminismo, à autoria feminina e à denúncia de relacionamentos abusivos, observada pelas próprias estudantes em algumas das obras lidas. Vale também a menção de que eventuais desvios de ortografia e pontuação fazem parte do aprendizado da escrita em norma padrão e por vezes têm relação com a informalidade do gênero em questão; portanto, optamos por não os corrigir. O título deste artigo, aliás, foi retirado de um dos zines produzidos pelas equipes, os quais passamos a apresentar agora.

### As produções<sup>48</sup>

O primeiro deles, *Zinistra*, que nos emprestou o nome deste trabalho, do grupo Manuela, Brendon, Eduardo, Davi e Raphael (1A), tem um nome que não necessariamente conseguiu gerar alguma coesão de perfil entre as obras, mas revelou um esforço da equipe em torno de livros que têm personagens principais marcantes. Há alguns problemas na redação do texto, de maneira geral resenhas entrecortadas. Houve falta de trato visual na parte sobre *Blackbird* – livro sobre o qual, aliás, conseguimos saber pouco pelo que foi apresentado. Em *Extraordinário*, não se falou da versão cinematográfica, e poderia se explicitar melhor em que medida referências da cultura pop, como os Jedi, entram no livro. No caso de *Malala*, a disposição do texto de maneira não linear nos provoca na leitura, mas sinto que houve boa apresentação e alusão ao gênero autobiografia. Em *Mindhunter*, há referência à série que adapta o livro, e ainda,

---

<sup>48</sup> A publicação dos materiais e o uso dos nomes foi autorizado pelos alunos, que são coautores deste trabalho.

ilustrações de diferentes *serial killers*, que são um grande tema da ficção policial.

O zine da equipe Elisa, Mariana e Maria Eduarda Beccari (1A) traz a palavra *Amor* em várias línguas na sua capa, com elaborado trabalho visual. A parte textual é basicamente composta de resenhas dos três livros, a primeira das quais se repete em torno do enredo, e as outras duas com mais discussão em torno dos temas abordados pelos livros. Em que pese o amor ser um tema unificados, as particularidades da existência ou não de amor à primeira vista ou da temática LGBT foram mais exploradas. As referências, em especial no último livro, em que há alusão ao poeta Dante e ao filósofo Aristóteles, poderiam ter sido mais evidenciadas. A playlist está ótima e bastante ampla. No entanto, resultou em uma ótima apresentação das leituras feitas.

O trabalho do *Se conscientizine*, de Ana Laura, Catarina, Gabriella e Sol (1A) trouxe textos com muita coerência interna e abordagem crítica dos temas, em especial da relação entre denunciar relacionamento abusivo, ou não romantizar, e a leitura do livro sobre feminismo da filósofa da Márcia Tíburi, autora muito necessária na cena contemporânea. O desenho da capa está muito bonito e o trabalho gráfico foi muito bem realizado, assim como a encadernação em barbante. A inclinação espontânea do grupo a tratar de temas que envolvem a violência contra a mulher demonstra a premência de se trabalhar esses temas na escola e o desenvolvimento de uma aguçada leitura crítica das temáticas sociais que atravessam leituras destinadas ao público jovem-adulto.

*Suspenszine*, do grupo Bernardo, Thiago, Thaís e Victoria (1A) também optou por brincar com a palavra “zine” em seu título, e apresenta coerência temática na maneira como articulou as leituras da equipe, na medida em que escolheu um ícone histórico do suspense, Lovecraft, e duas histórias mais contemporâneas que dialogam com o mistério e a falta de explicação. O trabalho gráfico está interessante, baseado em colagem. A ideia de ler invertido, suspenso, é interessante por materializar o conceito de suspense. No caso de Lovecraft, poderia haver contextualização maior do próprio autor, importante ele mesmo como um ícone. A escolha de inventar uma adaptação cinematográfica e trazer a descrição dos personagens para um livro que ainda não foi transposto em filme, como a grande maioria dos títulos escolhidos pelos estudantes, foi muito boa, também. Há uma leitura mais aprofundada de *O monstro de Veneza*, livro que trabalha a partir de um mistério real até hoje não resolvido, o que serve para discutir a relação entre ficção e realidade, e houve ousadia gráfica na apresentação de sua parte; some-se a isso o resumo de como procedia o assassinato e as ilações investigativas feitas.

*Nunca nem li* partiu de uma equipe (Gabriela, Leonardo, Maria Eduarda, João Vitor e Beatriz, 1A) que jogou com um *meme* de franca circulação entre adolescentes (“nunca nem vi”), e leva a crer que talvez a própria leitura do grupo não tenha sido bem levada a cabo. O projeto gráfico é mais simples, e se o projeto era que fosse uma revista de indicação para leitura, poderia ter sido usada a ideia das estrelinhas para todos os livros, mas isso foi feito apenas para o *Orfanato da Srta. Peregrine para crianças*

*peculiares*, de Ramson Riggs. A parte sobre o *Tosco* traz certo conteúdo moralizante, e a de *Azul da cor do mar* foi mais pessoal, fazendo ligação inclusive com outros livros da autora. Nessa primeira parte, também poderia ter sido tematizada a questão do autor nacional, infelizmente tão pouco escolhido no cômputo geral. No caso do *Orfanato* e de *Jogos vorazes*, temos as referências históricas – como a Segunda Guerra Mundial e o uso que o livro faz da fotografia – e literárias – *1984*, por exemplo, e a ideia de uma sociedade regida pelo espetáculo. Uma distopia sempre fala sobre nós, ainda que na forma de uma alegoria.

No mesmo sentido que o *Se conscientizine*, mas em outra turma, 1B, a equipe Ana Helena, Isis e Maria Eduarda produziu o zine *As Narraminas*, que partiu da necessária questão da valorização da voz feminina, e mais ainda da escrita de mulheres, por muito tempo relegada na tradição literária e ainda hoje uma questão para a militância e para a academia. Além disso, é bom observar a diferença entre as duas obras analisadas, pois ainda que ambas tenham narradoras, uma foi escrita por um homem, e outra por uma mulher. O caso de *O sol é para todos* se singulariza por haver preponderância do tema racismo sobre a questão de gênero, mas também é muito relevante e pondera questões que envolvem opressão. Nesse sentido, recomendei também na avaliação o cuidado com o uso do termo “denegrir”, usado no texto sobre *Belo desastre*. A apresentação do zine foi bem elaborada, os textos estão bem escritos, e duas menções ao professor foram feitas ao longo do trabalho, dado que inclusive fiz a foto das autoras que figura no interior.

As alunas Alice e Joana (1B) criaram o zine *Levitar*, que levou um conceito paradoxal adiante, e se apresenta como um zine-pôster, dobrável e apresentado em um formato impossível de reproduzir na digitalização. O trabalho estético está impecável, com textos que trazem boa apreciação das duas obras lidas pela equipe, *Desventuras em série* e *Bússola de ouro*. Seria possível explicar algumas das referências literárias implicadas em *Desventuras em série*, como Baudelaire, por exemplo, mas não ter feito isso foi uma escolha que não desabona o bom trabalho realizado, que buscou trazer para a materialidade as ideias que estavam sendo discutidas.

*No ritmo de um livro*, de Fabiola, Damaris e Luiza (1B) levou a cabo toda uma ideia, a abordagem dos livros a partir da ideia de trabalhar com a música. Adotou o formato de um disco – inspiração da revista *Ácaro* – e tem uma capa arlequinada, algo bem Mário de Andrade, com projeto gráfico delicado e muito bem feito. A abordagem dos livros *Extraordinário* e *A rainha vermelha* é bem feita, com textos bem escritos e que dão realmente vontade de ler as obras em questão. As imagens são bem utilizadas, a diagramação é boa e há os destaques das leituras de cada texto, com o que mais chamou a atenção na leitura de vocês. O trabalho é bastante orgânico, mostrando que houve realmente empenho de grupo e não fragmentação.

*Desespero*, dos meninos Carlos, Gustavo, Guilherme, João Pedro e Gabriel (1B) tem o mérito de ter partido de uma ideia clara para tentar unificar as leituras, embora uma não tenha se encaixado muito bem – *A culpa é das estrelas*, uma história de proximidade com a morte, mas romantizada. Os textos têm algum

problema com a organização, havendo fragmentos sobre distintas obras com tanta proximidade que acabamos por confundi-los, mas isso também é de alguma maneira próprio dos zines. Há ilustrações sobre *O menino do pijama listrado* no final do zine, e o texto sobre o livro está no começo – aliás, a inclusão de uma bandeira do nazismo no conteúdo tem a ver justamente com essa leitura, sobre a temática dos campos de concentração, e não com apologia. Na parte sobre as trilhas sonoras, caberia checar algumas informações, pois mesmo que não seja evidente, os filmes têm suas trilhas.

O grupo Eduardo, Henrique, Sofia, Arthur e Marco Aurélio (1B) teve o cuidado de elaborar dois volumes de um zine chamado *Ficção*. A exposição realizada em sala tenha enfatizado uma escala de “ficcionalidade” que se materializa na maneira como os volumes foram organizados, mas apenas alguns textos enfatizam a questão-tema em relação aos livros lidos – em especial os do volume 2. O projeto gráfico ficou interessante, por vezes muito manuscrito, mas poderia ser mais ilustrado, conta com mais recortes referentes aos textos abordados. O texto introdutório apresenta a questão da ficção como pertinente a toda a literatura.

*Doce gesto* traz um girassol trabalhado na carta e histórias que são unidas pela viagem de uma dupla de personagens que conhece histórias de amor, pequenas delicadezas emanadas dos livros lidos pela equipe composta por Beatriz, Rhauan, Camila e Ingridy (1B). O texto dá mais ênfase em alguns dos textos que em outros – o sobre Simon está pouco desenvolvido, ao passo que o de Katherine dá bastante ênfase à

história da personagem. Uma das playlists não traz a referência completa das músicas, com nome e artista. Foi um trabalho bem executado, com boa presença de todos os membros da equipe.

Na turma 1C, em que Valentina acompanhou, como estagiária, o trabalho, inclusive fazendo a regência de algumas aulas, foi produzido o zine *Gloria*, por Maria Fernanda, Ana Claudia, Lara e Felipe. Com tratamento gráfico fortíssimo e artesanal, em papel cartão, o uso do conceito que foi criado pela equipe conseguiu unir as obras abordadas. Há um editorial que, como o da revista *Navilouca*, anuncia que terá apenas um número. *Gloria* é, infelizmente, natimorta. Houve preocupação com dados objetivos dos livros e um balanço interessante entre textos sinopse, textos opinativos, playlists e outros elementos que aludem às obras lidas. Fundamentalmente, houve preocupação com mostrar além da opinião, como autores procuram dar profundidade e complexidade à dimensão psicológica de seus personagens, em especial nos dois últimos livros, que ficaram um pouco melhor acabados tanto em termos textuais quanto estéticos do que o primeiro. A divisão da página em duas cores, na parcela de *Mara Dyer*, foi uma boa aquisição das leituras de revistas literárias que fizemos. A equipe construiu, de fato, uma pequena revista.

*Read and die*, de autoria das alunas Alexsandra, Beatriz C. e Beatriz S. (1C) tomou elementos trágicos dos três romances voltados ao público adolescente: *A desconstrução de Mara Dyer*, *Quem é você, Alasca?* e *As vantagens de ser invisível*. Os textos se comportam como sinopses cercadas por comentários irônicos, ainda que abordando temas complexos e pesados. Embora se

entenda que o humor é característico do próprio zine como gênero, havia espaço para um possível contraponto. A personalização foi um bom elemento, incluindo recortes satíricos de jornal e uma capa chamativa e provocativa. A parte de Mara Dyer é um pouco vaga, deixando muitas dúvidas no ar; a de Alasca, um pouco repetitiva, e a de *As vantagens* não dá muito bem a entender do que trata o livro, ou seja, falta um tanto de informatividade nos textos, embora haja boa dose de humor.

*O senhor divergente das galáxias*, de Iasmim, Guilherme e Victor (1C) teve uma proposta bastante interessante, que poderia ter levado a cabo a fusão e os diálogos entre as três histórias. De alguma maneira, ao propor falar da jornada do herói, o grupo tentou mostrar como esse elemento poderia unificar as três leituras. Além disso, tentou escrever uma história que seguisse o modelo. A abordagem dos livros lidos é um pouco incompleta – talvez mais detalhada no caso de *O senhor dos anéis*. *Divergente* e *O guia do mochileiro das galáxias* nos dão a sensação de apresentar apenas uma pequena sinopse. O conceito de ficção poderia ser matizado para cada uma das três narrativas, na medida em que há uma distopia, um livro que inventa toda uma nova terra e um que remete parodicamente ao espaço, ou seja, há diferenças que poderiam ser exploradas.

*Além do final feliz*, da equipe Gisella, Joana e Marcela (1C) fez um zine simples, porém bem organizado, e com um editorial anunciando a que veio. No entanto, o título repercute pouco na análise feita dos três livros lidos, na medida em que pouco se fala do final. Ao tratar de *Lolita*, falou-se de como o próprio livro cunhou termos que têm a ver com a problemática

erotização da infância. Seria o caso de aprofundar a ideia de termos como filtro da história o olhar viciado de Humbert, e ao nos aproximarmos dele, talvez o efeito que isso produza seja justamente sentir o limiar entre a abjeção e a humanidade, ou ainda, como essa relação metaforiza outros tantos níveis abusivos que constituem nosso modo de vida. Nesse sentido, é certamente muito mais que um livro sobre um fetiche – e a equipe bem observa e problematiza isso.

O *Drama Zine*, de Amanda, Gabriela e Nicollas (1C) usou a ideia de “drama” não em seu sentido teatral, mas mais comum, de acontecimentos de fundo dramático, como forma de unificar as leituras de *Marley e eu*, *As vantagens de ser invisível* e *O jardim secreto*. A estrutura utilizada foi a mesma para cada livro, como mostra o sumário, havendo pouca variedade de gêneros textuais. Há playlists de três músicas para cada livro, um resumo, box de curiosidades e ilustração. Nas curiosidades, também há vagueza: “primeiro livro no qual um garoto e uma garota são personagens principais”. Será essa a exclusividade de *O jardim secreto*? Na playlist de *As vantagens de ser invisível*, incluíram toda a discografia do The Smiths. Podiam ter escolhido uma música. Sobre o fato de pessoas passarem por histórias parecidas, seria possível olhar para isso como ficção e explorar com mais profundidade os títulos.

No mais, deixamos as questões para a leitura dos zines e dos textos dos próprios alunos. Zinistre-se!

## Referências

- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Trad. Henrique Búrigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Profanações**. Trad. Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOOKER, M. Keith. **The dystopian impulse in modern literature: fiction as social criticism**. Westport: Greenwood, 1994.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos III: Estética: Literatura e pintura, música e cinema*. Org. Manoel Barros da Motta; trad. Inês Autran Dourado Barbosa. 2. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- LERM, Ruth Rejane Perleberg. Outros objetos, outras leituras: estudo das relações entre as linguagens em zines e publicações alternativas com base na semiótica discursiva. **Revista GEARTE**,

Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 88-99, jan./abr. 2018. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/82409/48093>>. Acesso em 13 maio 2018.

MELO, Camila Olivia de Melo et al. **Didática-Zine**. Disponível em: <<https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/36944075/DidaticaZine2015.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1527703244&Signature=qfYDuB8P%2FiAswzfl%2FIW%2B0Rla%2BI%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DDidatica-Zine.pdf>>. Acesso 10 maio 2018.

## ANEXO 01

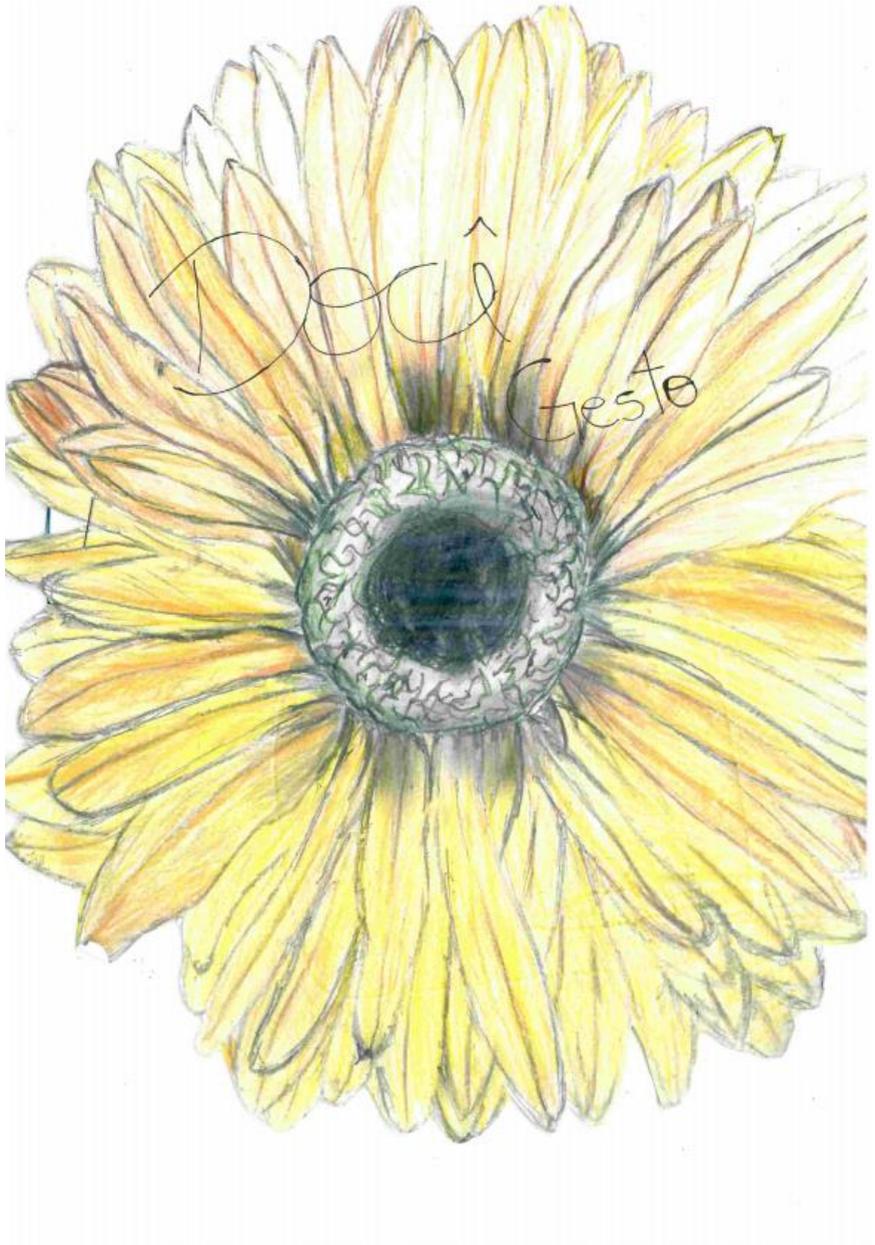
Capas de alguns dos zines desenvolvidos pelos estudantes – turmas A, B e C.<sup>49</sup>

224

---

---

<sup>49</sup> Os 12 zines em versão completa estão disponíveis juntamente ao texto, na página da revista. Conferir: <http://ojs.sites.ufsc.br/index.php/sobretudo/index>



*Gloria*

